

LIVRO I

ESTRELA ESCARLATE
O Despertar

2ª Edição

Ignácio Salieri

Copyright © 2020 by Ignácio Salieri

Capa, Diagramação, Ilustração e Revisão
Ignácio Salieri

Salieri, Ignácio 1994-

Estrela Escarlate : o despertar : Livro I / Ignácio Salieri – 2. ed. – Caruaru, PE : Ed. do Autor, 2020.
450p. ; 21cm.

ISBN: 978-65-00-12177-3

Todos os direitos reservados ao autor da obra.

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.3

20-48948

*Para meus fieis leitores,
estejam eles no presente ou no futuro.*

Esta é uma edição mais que especial.

Espero que gostem!



PROLOGO



Sombras macabras e dançantes me cercavam conforme as luzes oscilantes do lugar balançavam vagarosamente de um lado para o outro.

A espada estava ensanguentada e pesava em meu braço, mas não podia largá-la. Pelo menos não até que seu fio encontrasse o alvo.

O som abafado de pingos podia ser ouvido ao longe e o túnel mergulhou em uma profunda escuridão poucos metros após a última lâmpada ainda acesa ficar para trás.

Os olhos não me enganavam apesar de que haviam se passado horas desde que tomamos algum sangue. Aquele rodízio estava me matando. Passar semanas sem tomar nenhuma gota de sangue vampírico mexia com a cabeça de qualquer ser humano viciado... Não apenas com a minha, mas com a de todos do grupo, embora apenas eu tivesse plena consciência acerca do vício.

Ser um caçador de vampiros não é tão glorioso quanto as histórias dizem.

Vários metros à frente o estreito túnel se abria em uma câmara maior, mais larga e repleta de colunas nas

laterais. O chão de pedra estava tomado por água suja que me encobria até a altura dos tornozelos.

Os olhos perspicazes me permitiram enxergar quando um deles espiou por detrás de uma das colunas e saltou em minha direção. Girei rapidamente, afastando-me cerca de dois metros para a esquerda e levantei a espada para encará-lo.

O vampiro aterrissou de forma abrupta espirrando água para todos os lados. Seus olhos de íris rubras e brilhantes entrecortadas por fios verdes, caracteristicamente *Danskrovs*, me encaravam enquanto suas presas reluziam.

Ele rosnou e pulou bem ao encontro da minha espada que, girando veloz, decepou metade do seu pescoço. Achei por bem desferir mais dois golpes para separar totalmente a cabeça do corpo, chutando-a para longe em seguida. Eram malditos *Danskrovs*, não podia arriscar.

Respirei profundamente ao ver todo aquele líquido vermelho jorrando do que havia sobrado do pescoço do vampiro, mas não podia bebê-lo.

O vício é perigoso...

Barulho de passos ecoou pela câmara. Levantei a espada novamente, mas eram passos que não faziam questão alguma de passarem despercebidos.

“James...” Sussurrei.

O rapaz me encarou ao longe. Sua roupa estava encoberta por sangue assim como a estaca que reluzia prateada diante de minha visão temporariamente sobrenatural.

“Onde estão os outros?” Questionou o rapaz enquanto se aproximava a passos largos.

“Tristan seguiu por um túnel a oeste daqui. Vivian tomou a direção oposta por uma passagem que não havia em nossos mapas.” Cocei a cabeça. “Tentei convencê-la a não seguir por ali, mas você a conhece.”

James deu um meio sorriso com o canto da boca ao passo que afastava as mechas escuras dos olhos.

“Conheço muito bem.” Agachou-se ao lado do corpo do vampiro. “Ora, ora...”

“James... Você não deveria, já tivemos o suficiente.”

“Nós nunca temos o suficiente.” Sorrindo, o rapaz levou o sangue até a boca fazendo das mãos uma concha e levantou em seguida. “Nosso querido e amado líder nunca nos deixa tomar o quanto precisamos.”

“E você sabe muito bem o porquê.” Segurei firmemente seu pulso. “O *Varangue* tem seus motivos, é muito arriscado... O vício, James, já chega.”

Ele livrou-se do meu aperto, limpou as mãos na calça e seguiu resmungando enquanto caminhávamos em direção ao fundo da câmara, onde escuridão era plena.

O lugar se mostrou bem maior que esperávamos e se estendia por mais de cinquenta metros entre tubos de metal de todos os tamanhos, pequenas entradas circulares que despejavam esgoto em uma piscina retangular ao centro do cômodo e algumas caixas de metal presas às colunas laterais.

“Já vasculhamos boa parte deste lugar.” Disse James despreocupadamente. “Creio que estamos...” O interrompi com um sinal.

Havia um portal divisório ao fundo revelando uma nova câmara bem menor que a que estávamos, porém mais

movimentada. Havia pelo menos três vampiros ali, dois enormes e de aparência forte e outro um pouco menor e de corpo esguio.

Um quarto vampiro revelou-se surgindo por entre os três primeiros... Era ele, nosso alvo. Um dos Cavaleiros mais importantes da família Danskrov.

“*O Terceiro Cavaleiro, Arthur Danskrov...*” Seu nome ecoava pelos meus ouvidos.

“Elliot, chame os outros.” James empunhou a pistola, verificou se a estaca estava presa à cintura e encaixou uma soqueira de metal por entre os dedos. “Precisaremos de ajuda.”

No momento em que pressionei o botão do comunicador preso ao cinto, os três primeiros vampiros saltaram em nossa direção.

James acertou um tiro bem no ombro do primeiro, mas mesmo assim acabou sendo levado ao chão. Minha espada estava em punho, no entanto não tive tempo de usá-la.

O segundo vampiro me arremessou pela cintura contra uma das paredes de pedra e a espada acabou caindo a vários metros.

Imediatamente, puxei a estaca da cintura e levantei-a bem no momento em que o terceiro vampiro me alcançou, acertando-me com força a lateral da cabeça. Cambaleei conseguindo apenas resvalar a ponta da estaca em seu braço.

Tive tempo apenas para endireitar o corpo e o segundo vampiro atacou mais uma vez. Levantou-me pelo pescoço com uma mão e me desarmou por completo com a outra.

O coração batia incessantemente ao passo que eu era privado da respiração. Senti as forças se esvaindo apesar de ainda estar sob o efeito do sangue vampiresco.

A única saída era tentar alcançar a adaga presa à lateral interna da bota; o que era praticamente impossível. O vampiro era muito forte: um tipo careca que sorria um sorriso sádico a me ver lutando em vão.

Estava à beira de desmaiar quando reuni todas as forças que ainda restavam e dobrei a perna direita, puxando a adaga em seguida. Finquei-a profundamente no pescoço do demônio... Ato suficiente para fazê-lo me largar.

Atingi o chão e vi o mundo girar. Não conseguia levantar e a respiração era dolorida e ofegante.

Arrastei-me pelo chão imundo à procura da estaca, mas essa parecia ter se perdido em meio à água podre. O vampiro cambaleava enquanto seu sangue jorrava do profundo corte deixado no pescoço.

Permaneci a tatear o chão à procura da espada e fui surpreendido pelo vampiro esguio que me levantou pela gola. Senti então suas presas perfurando a parte detrás do meu pescoço. O maldito sugou com vontade, mas me largou em seguida, cuspidando com a mesma velocidade à qual havia sugado.

“Eu disse para não bebê-los!” Gritou um dos outros vampiros. “Fedem a veneno *Sveatsi!*”

Vislumbrei o cabo da espada e aproveitei-me da confusão para tentar levantar e correr, mas assim que a toquei fui atingido por outro vampiro que socou minhas costelas

com tamanha brutalidade que tive a certeza de que ao menos duas costelas haviam se partido.

Brandi a espada, girei o corpo e dilacerei o peito do vampiro deslizando a lâmina em um movimento lateral. Ele cambaleou para trás e investi novamente com a ponta bem ao centro do seu torso.

Enquanto seu pesado corpo despencava, o vampiro esguio preparava-se para me acertar, porém foi atingido por uma flecha que atravessou seu crânio na altura das têmporas.

Girei o rosto e lá estava ele, Tristan. O loiro anuiu e correu colocando outra flecha no arco.

De nosso pequeno grupo, apenas James utilizava arma de fogo. O *Varangue*, nosso líder e mentor, nos havia ensinado os costumes antigos e havíamos abandonado pistolas e afins há um bom tempo.

Terminei o serviço fincando a ponta da espada no peito do vampiro esguio e olhei ao redor à procura de James.

O rapaz estava caído à beira da piscina de esgoto ao centro da câmara. Aproximei-me e o sacudi, mas era claro que estava morto. Seu pescoço era agora uma bola negra e estava torto para um dos lados.

Levantei a face à procura do terceiro e último vampiro atacante, mas Vivian já estava cuidando deste com sua espada curva.

Foquei então as atenções no Cavaleiro, Arthur... *Sim, este será o seu fim. Aqui e agora, miserável.*

O vampiro ainda estava em pé no mesmo local de antes e não aparentava ser um garoto com mais de dezessete anos. Seu rosto era inexpressivo com mandíbulas quadradas e

sobrancelhas bem feitas. O nariz era aquilino e os olhos ferozes discrepando de seu tamanho reduzido.

Apesar de sua aparência frágil, aquele ‘garoto’ era um dos vampiros que detinha mais influência dentro da família Danskrov. Eram cinco Cavaleiros ao todo e ele era o terceiro mais poderoso.

Tristan saltou cruzando a divisória das câmaras e lançou uma flecha que o Cavaleiro não teve que mover-se mais que dez centímetros para sair da trajetória.

Disparei em direção aos dois com a espada curta empunhada e ainda lamentando ter perdido seu par algumas horas antes.

“Tristan!” Gritei ao passar por trás dele, que girou o corpo e lançou outra flecha apenas dois segundos antes de eu cercar o Cavaleiro pela esquerda.

Arthur afastou-se apenas no último segundo. Livrou-se da flecha e desviou do fio da minha espada que cortou apenas o ar.

Apesar da estratégia, o Cavaleiro havia se antecipado e agora estava bem ao meu lado. Não havia tempo para me virar: Arthur rosnou, embora não pretendesse me morder, e acertou um soco que era destinado ao meu pescoço, mas que acabou me atingindo na altura do ombro.

Fui jogado ao chão com o impacto que com certeza teria sido fatal caso me acertasse no pescoço.

Ao menos não foi no braço da espada principal...

Levantei com dificuldade, preparado para o ataque novamente e agora com um braço praticamente imóvel.

Preciso de sangue... Aquilo não era mais um desejo e sim uma necessidade.

Levei a mão a um dos bolsos do colete e retirei um pequeno frasco contendo sangue e veneno de outra família vampiresca: os *Sveatsis*.

Tomei-o com vontade, arremessei o frasco para longe e fechei os olhos aguardando a sensação ao passo que sentia o sangue percorrer meu esôfago. Era sublime, não o sabor, mas o poder que crescia conforme ele esquentava o corpo.

Vivian gritou e tornei a abrir os olhos. Tristan havia sido atingido, porém conseguiu acertar uma flecha bem próximo ao coração do Cavaleiro que cambaleava. Vivian estava a poucos metros com a espada empunhada e me encarando; era a nossa chance.

Disparei a toda velocidade levantando a minha própria lâmina e passei pelo portal divisório das câmaras.

“Vivian!” Gritei bem a tempo para que o ataque fosse conjunto como fizemos centenas de vezes antes. Enquanto corríamos, Tristan lançava uma flecha e retirava outra da aljava.

A flecha resvalou no ombro do Cavaleiro, atingindo a parede, Vivian cortou o vento e apenas eu o acertei, embora tenha sido um golpe impreciso em seu braço.

Era uma luta desfavorável para nós.

Apesar dos anos de luta e treinamento, os vampiros continuam sendo mais rápidos. Seu sangue e veneno apenas nos ajuda a acompanhá-los, aumenta nossa força e nos faz resistir um pouco mais à dor, porém a desvantagem continua sendo nossa.

Arthur girou, atingiu a garota na perna, e saltou por cima de nós apoiando um pé na parede a fim de livrar-se de sua posição em desvantagem, acuado no canto.

E mesmo com o jogo sempre contra nós ainda conseguimos matá-los... Caçar é uma arte, é como um esporte coletivo. Um time, um ajudando o outro e tomando sua posição.

Tristan, que estrategicamente estava um pouco mais atrás, impediu a fuga do vampiro. Assim que Arthur aterrissou teve a base do pescoço perfurada por uma flecha. O demônio desequilibrou-se e caiu sobre um dos joelhos.

Posicionei-me então por trás do Terceiro Cavaleiro e finquei a espada em seu ombro com um movimento de cima para baixo. Vivian fez o mesmo dois segundos depois.

Arthur agitou os braços tentando puxá-las, mas já era tarde. Aquele seria o seu fim... Depois de anos em caçada, o momento tão esperado havia enfim chegado.

Arthur, o Terceiro Cavaleiro do tropel Danskrov, cuspiu sangue e levantou os olhos para encarar Tristan com suas mechas loiras sobre o rosto de semblante abatido, porém triunfante.

O rapaz puxou mais uma flecha da aljava, colocou-a no arco e mirou bem no centro do peito do vampiro.

Sem últimas palavras, sem qualquer som ou gesto final, Tristan soltou a flecha que se fincou profundamente na altura do coração do Cavaleiro.

Arthur caiu para trás e encarou o vazio enquanto seus olhos se apagavam lentamente até se tornarem negros.